

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

JULHO DE 1902

N.º 7

Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa

1. Curso do anno lectivo de 1897-1898

O curso d'este anno constou de duas partes principaes:

PARTE I. Numismatica geral.—Nomenclatura; origem da moeda; series numismaticas (classificação), com alguns desenvolvimentos historicos. Bibliographia numismatica.—Serviram de livros de texto: *Numismatica*, do Dr. Salomone Ambrosoli, 1.ª edição, e *Vocabolario dei Numismatici* (1897), do mesmo.

PARTE II. Estudo pratico de algumas moedas da republica romana e do imperio, com varios desenvolvimentos historicos. Auxiliaram este estudo os seguintes livros: *Monete romane* de F. Gneecchi, 1.ª edição, e *Leaigue des antiquités romaines* de Cagnat & Goyau, Paris 1895.

Deu-se noticia de diversas moedas romanas achadas em Portugal:

1) Em Monsanto e arredores, concelho de Idanha; a summula da respectiva lição foi publicada n-*O Arch. Port.*, IV, 79, pelo alumno Cesar Pires;

2) Em Porto de Mós;

3) No castello de Dornes,—denario de chumbo da republica; vide *O Arch. Port.*, v, 12.

2. Curso do anno lectivo de 1898-1899

PARTE I.—Preliminares

Definição de Numismatica e objecto d'esta sciencia: cfr. *Elencho das Lições de Numismatica*, VIII, 3 (ou *Arch. Port.*, I, 305). Costuma incluir-se na Numismatica, alem do estudo das moedas, tambem o das medalhas e o de outros objectos monetiformes (contos, etc.). Sem dúvida podem entrar na Numismatica certos objectos monetiformes, por exemplo os *méreaux* franceses medievaes (curso fiduciario); mas hoje ha entre

os especialistas tendencia para constituir com o estudo das medalhas uma disciplina especial, a *Medalhistica*, e com o dos contos outra (a esta os Franceses chamam *Jetonistique*)¹. Realmente as medalhas, no sentido proprio, são modernas, datam da epoca do Renascimento (Italia), e destinam-se a commemorar factos historicos; os *contos* tiveram applicação muito especial (cálculo arithmetico); ao passo que as moedas representam fundamentalmente valores. A distincção é pois justa, mas não é absoluta, pois que as moedas antigas (e ás vezes mesmo as modernas) servem tambem de medalhas, e os *contos* reproduzem não raro typos monetarios, e tem então em certos casos cabimento ao pé das moedas, pelo menos em appendice ao estudo d'estas.

*

Divisões da Numismatica em: *geral* e *especial*. Na Numismatica *especial* entra a Numismatica iberica, de que este anno em parte nos occuparemos.

*

A Numismatica está actualmente em grande florescimento, como o prova a consideração que lhe dão no ensino público, as sociedades que se occupam d'ella, os periodicos da especialidade, e a actividade que se nota no commercio.

1. Ensino:

a) *Allemanha*. O Dr. Bernhard Pick foi nomeado professor extraordinario de Numismatica na Universidade de Jena: vid. *Monatsblatt der numismatischen Gesellschaft in Wien*, 1896, pag. 350; o mesmo professor fez, no semestre de inverno de 1897-1898, prelecções sobre Mythologia artistica estudada segundo as moedas: vid. *Monatsblatt*, 1897, pag. 139. No Programma da Universidade de Estrasburgo, semestre do verão de 1898, vejo a seguinte noticia: Trämer, *Griechische Numismatik* e *Numismatisches Colloquium*; o mesmo professor, no semestre do verão de 1891, fez exercicios numismaticos, 2.º curso, moedas de Italia; no semestre de inverno de 1891-1892 continuou os mesmos exercicios; no semestre do inverno de 1892-1893, tambem fez exercicios numismaticos, 1.º curso, Numismatica grega.—Ha varias outras universidades em que se professam cursos de Numismatica como nas de Munich, Bonn, etc., ás vezes regidos pelos professores das cadeiras

¹ Cfr.: Engel & Serrure, *Traité de Numismatique du Moyen Âge*, I (1891), p. xxx; F. Gaechi, in *Rivista di Numismatica*, x, 235.

de Historia.—E não é só nas universidades que a Numismatica tem entrada, mas tambem noutros estabelecimentos scientificos (gymnasios, etc.).—Com relação á utilidade que da prática da Numismatica se póde colhêr para o ensino escolar existem varios trabalhos, por exemplo: Shaper, *Antike Münzen als Anschauungsmittel in altsprachlichen und geschichtlichen Unterricht auf den Gymnasien* (Moedas antigas como auxiliares no ensino intuitivo da historia e das lingoas antigas nos gymnasios), Magdeburgo 1896, com estampas; Pfeifer, *Antike Münzbilder für den Schulgebrauch* (Figuras de moedas antigas para uso escolar), Winterthur 1895, com estampas e varias indicações bibliographicas; Imhoof-Blumer, *Porträtköpfe auf römischen Münzen der Republik und der Kaiserzeit, für den Schulgebrauch* (Retratos nas moedas romanas da republica e do imperio, para uso das escolas), Leipzig 1892. D'estes trabalhos tenho conhecimento directo, mas podem ver-se outros que vem citados no referido opusculo de Schaper, pag. 1, nota. Cfr. tambem: Dr. Meister, *Münzkunde für Anfänger* (Numismatica para principiantes), Leipzig 1895, livrinho destinado aos estudantes da classe de *tertia*: vid. *Monatsblatt*, 1895, pag. 262.

b) *Austria*. Na Universidade de Vienna tenho noticia de quatro cursos de Numismatica: Dr. Karabacek, sobre Numismatica mahometana, com especial referencia á Metrologia; Dr. Kubitschek, que é ao mesmo tempo conservador do Gabinete Numismatico do Museu Nacional, sobre Numismatica antiga; Dr. Steinherz, introdução á Historia monetaria austriaca; Dr. Landesberger, reforma monetaria austro-hungara: vid. *Monatsblatt*, 1896, pag. 350. Para o semestre de inverno de 1897-1898, o Dr. Kubitschek annunciou um curso elementar de Numismatica grega; e o Dr. Steinherz outro de historia monetaria da Idade-Media (introdução): *loc. cit.*, 1897, pag. 139.—Na Universidade de Graz, o Dr. Pichler annunciou, para o semestre de inverno de 1897-1898, prelecções sobre moedagem atheniense.—Sobre as numerosas collecções numismaticas que existem nas escolas medias (especie de escolas primarias superiores) da Austria em 1896-1897, vid. o cit. *Monatsblatt*, 1897, pag. 144; e cfr. tambem a pag. 93 um artigo sobre o problema da adopção escolar da Numismatica nas referidas escolas.

c) *Suiça*. Na Universidade de Zürich, o Dr. Stückelberg rege uma cadeira de Numismatica. O mesmo professor é auctor de um bom tratado da disciplina que professa.

d) *França*. Na Sorbona, em Paris, fez, em 1894, o Dr. Th. Reinach um curso de «Historia da Grecia estudada pelas moedas»: vid. *Bulletin de Numismatique*, II, 130.

e) *Italia*. O Dr. Ambrosoli rege um curso de Numismatica na cidade de Milão.

f) *Hespanha*. Na Escola Diplomatica, em Madrid, rege um curso de Numismatica o professor Rada y Delgado. Corre impresso um programma d'este curso.

2. Sociedades.

Sem se poder, nem ser preciso, indicar todas as Sociedades que ha de Numismatica, indicam-se porém algumas: Sociedade Numismatica de Berlim; Sociedade Numismatica, de Dresde; Sociedade Numismatica, de Vienna; Club dos Amigos das Moedas e Medalhas, de Vienna; Sociedade Suiça de Numismatica; Sociedade Francesa de Numismatica; Sociedade de Numismatica Belga; Sociedade Numismatica Italiana. Até em Portugal já existiu um Centro de Numismatica (cfr. *O Arch. Port.*, I, 303), que teve porém a vida das rosas. Muitas das sociedades mencionadas publicam revistas ou boletins especiaes.

3. Periodicos.

Mostraram-se nas aulas exemplares dos seguintes periodicos:

Bulletin de Numismatique, de Paris;

Gazette Numismatique, de Paris;

Gazette Numismatique (La), de Bruxellas;

Journal International d'Archéologie Numismatique, de Athenas, com artigos em grego moderno, em allemão e em francês;

Monatsblatt der Numismatischen Gesellschaft, de Vienna de Austria;

Numismatic Circular, de Londres;

Numismatisches Literatur-Blatt, de Breslau;

Numismatische Zeitschrift, de Vienna de Austria;

Revue Belge de Numismatique, de Bruxellas;

Revue Suisse de Numismatique, de Genebra;

Revue Numismatique, de Paris;

e algumas separatas da *Rivista Italiana di Numismatica*.

Em algumas d'estas revistas domina exclusivamente ou predomina a Numismatica antiga; noutras predomina a medieval e a moderna; o *Numismatic Circular* e a *Gazette Numismatique*, de Bruxellas, são principalmente destinados a estabelecerem relações commerciaes; a *Gazette Numismatique* de Paris tem sobre tudo character artistico; o *Numismatisches Literatur-Blatt* é, como o titulo diz, exclusivamente bibliographico.

Alem d'estas revistas especiaes, ha muitas de archeologia em que a Numismatica tem entrada.

4. Actividade commercial.

Constantemente recebo catalogos de commerciantes numismaticos de diversos paises. Eis aqui os nomes de alguns d'estes commerciantes:

- Jacobo Hirsch—Munich.
 Ernest Boudeau—Paris.
 Charles Dupriez—Bruxellas.
 Rodolfo Ratto—Genova (Italia).
 C. Theodore Bom—Amsterdam.
 Maria Guilhermina de Jesus—Lisboa.
 Raymond Serrure—Paris.
 A. Weyl—Berlim.
 G. Morchio—Veneza.
 J. Schulman—Amersfoort.
 Spink Son's—Londres.
 Zschesche Köder—Leipzig.
 Dr. Eugen Merzbacher—Munich.

*

Nomenclatura e exercicios numismaticos: a este objecto foram consagradas oito lições. Para estudo da nomenclatura numismatica serviu de guia o meu *Elencho das Lições de Numismatica*, fasciculo I, com augmentos e correções.

PARTE II.—Moedas ibericas

Bibliographia especial: *Monnaies Antiques de l'Espagne [et du Portugal]*, por A. Heiss, Paris 1860; *La Arqueologia de España [y Portugal]*, por E. Hübner, Barcelona 1888; *Monumenta Linguae Ibericae*, pelo mesmo, Berlim 1893; *Indicador de la Numismática española* (i. é, *hispanica*), por Campaner y Fuertes, Madrid-Barcelona 1891.

Noticia dos povos antigos da Iberia (Phenicios, Gregos, Ligures, Celtas e Carthagineses). Epoca romana: divisão da Hispania em Citerior e Ulterior.

Grupos das moedas ibericas:

- I. Moedas gregas. Sec. IV—III A. C.
- II. Moedas dos Barquidas. Sec. III A. C.
- III. Moedas com caracteres phenicios (punicos). Sec. III A. C.
- IV. Moedas com letreiros libyphenicios.
- V. Moedas romano-ibericas (com letreiros ibericos). Sec. III A. C.
- VI. Moedas latinas. Sec. I A. C.

Estudámos algumas moedas da Hispania Citerior: Rhoda, Emporias, Ausa, Ilerda, Ilergetes, Dertosa, Celsa, Caesaraugusta, Ilduqith, Osicerda, Sagunto, Saetabis, Osca, Cascanto, Turiaso, Clunia, Aregrada, Bilbilis, Segobriga, Ergavica, Carthago-Nova, Valentia, Ilici, Contrebia, Acci; e da Hispania Ulterior: Obulco, Carbula, Bora, Ilurco, Ventippo, Urso; e deu-se noticia das moedas puniçòphenicias do Sul da Iberia, e das moedas da Lusitania.

Drachma de Emporias existente no Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa (fig. 1.^a):



Fig. 1.^a — Emporias

no anverso, cabeça de Arethusa, de brincos e collar, voltada para a direita, entre tres peixes, dois adiante, que se defrontam, e um detrás da nuca; no reverso, o Pegaso, a galope, voltado para a direita, com este letreiro por baixo: EMHOPITON, genetivo de Ἐμπορίται = *Emporitani*, «habitantes de Emporias (hoje Ampurias)», na região dos Indigetes.

O nome latino *Indigetes*, como o grego Ἰνδικῆται e Ἐνδιγῆται traduz o nome local *Untescn* = ↑ΝΥ<<<Ν, que se lê nas moedas, por exemplo, neste exemplar de um asse do Gabinete da Bibliotheca Nacional de Lisboa (fig. 2.^a):



Fig. 2.^a — Indigetes

no anverso, cabeça de Minerva, com capacete emplumado, voltada á direita, e um vaso detrás da nuca; no reverso, dentro de um circuito de traço contínuo, o Pegaso a galope á direita, cuja cabeça é formada por uma figura assentada, estando uma coroa por cima, no campo, e em baixo o referido letreiro iberico. Este exemplar differe do que vem em Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne*, est. IV, n.º 39, em não

ter letras adiante da boca e do pescoço da figura de Minerva (letras que nunca houve no nosso exemplar).

A comparação do latim *Indigetes* e grego Ἰνδιγῆτι ou Ἐνδιγῆτι com o iberico *Untescen* ou *Untescen*, que também se encontra, e onde devem supprir-se algumas vogaes, mostra-nos qual era a maneira pela qual os antigos representavam os nomes dos povos barbaros, nomes difficéis de pronunciar, como alguns auctores grecò-romanos mesmo por vezes dizem. Factos semelhantes se encontram nas linguas modernas: os Franceses, por exemplo, chamam *S^t Ubes* á nossa cidade de *Setubal*, e nós chamamos *Napoles* á cidade que os italianos chamam *Napoli* e os franceses *Naples*. Cada povo affeição ao caracter da propria lingua as palavras das linguas estranhas. Com relação ao *Untescen*, havia ainda para os romanos a palavra *indiges*, plural *indigetes*, que significa «nacional», e era também nome de divindade, palavra que existia na lingua commum, e que por isso contribuiria para que a iberica se alterasse na boca d'elles d'aquella maneira. Não sei se já a última explicação occorreria a alguém. Temos neste facto também uma amostra do processo que se tem seguido para a decifração do famoso alfabeto iberico, pois nessa palavra se buscou interpretar pelo onomastico transmittido pelos auctores antigos o valor attribuido a certas letras indigenas pela comparação alphabetologica. A terminação iberica *-scen*, que se nota no nome citado, e que corresponde á latina *-tes*, encontra-se também, como veremos, em *Iltrscen*, e a esta palavra corresponde igualmente *-tes* na transcripção latina — *Ilergetes*.

Na região dos *Ilergetes* estudámos varias moedas. Aqui ficava *Ilerda*, hoje *Lerida*; o seu nome indigena era *Iltrd*, como se lê nas moedas. Eis os desenhos de duas de cobre que existem na Bibliotheca Nacional de Lisboa (figs. 3.^a e 4.^a):



Figs. 3.^a e 4.^a — Ilerda

Estas moedas, uma indigena, outra latina, são muito interessantes, pois que uma corresponde á outra: á cabeça barbara, de deus ou de chefe, naquella, corresponde nesta a cabeça de Augusto (com legenda, de que se lê parte:IMP A. . . .); á loba, com legenda iberica na primeira, corresponde outra loba, com legenda latina, na segunda: é evidente que uma legenda traduz a outra. Os caracteres ibericos são $\mu \uparrow \Psi \diamond X$, que dizem *Iltrd*; esta palavra não differe muito de *Ilerda*, se subentendermos junto das consoantes as vogaes que facilmente nesta escritura se subentendem, como tambem na semitica, com a qual se relaciona intimamente a iberica. Eis assim outro exemplo do processo seguido na decifração dos caracteres ibericos, e este exemplo é mais importante ainda do que o citado acima com relação aos *Indigetes*, pois ali só tinhamos a auxiliar-nos o onomastico e a comparação alphabetologica, e aqui temos, alem d'estes dois auxiliares, tambem a disposição das figuras e legendas nas moedas, o que nos prova sem dúvida alguma que *Iltrd* era *Ilerda*. Com o restabelecimento de certas vogaes vemos que a differença que existe entre *Ilerda*, *Ilergetes* e *Indigetes*, de um lado, e as respectivas transcripções ibericas, do outro, não é tamanha, como, apesar do que fica dito, poderá parecer. Vejamos:

$$\begin{array}{ccccccc} \mu & \uparrow & \Psi & \diamond & X & & \\ i & l(e) & t & r & d(a) & & \\ & & & & d(e) & & \end{array}$$

Em *iletrde* ou *iletrda* havia para os romanos o grupo de letras não natural *trd*, que tinha de ser destruido, o que aconteceu pela syncope ou suppressão do *t*, facilitada por dissimilação¹, pois que havia outra dental logo adeante; por isso: *Ilerda*.

¹ Em Linguistica ou Glottologia diz-se que ha *dissimilação*, quando, existindo dois sons iguaes ou muito semelhantes numa palavra, se supprime ou modifica, em certas condições, um d'elles; por exemplo, do lat. *rutrum* veio o port. *rôdo* (instrumento agricola); de *aratrum* veio *arado*. O que succede em português succede naturalmente noutras lingoas; por exemplo: o prov. *ganven* vem de *gran-ren*, o prov. *pendre* vem de *prendre*; no dialecto de Pavia, *reondo* vem do *rotundus*; o fr. *Bruley* (nome de terra) vem de *Brurei*; o hesp. *Flandes* (tambem em port. ant.) e *Federico* (em port. pop. *Fedrico*) vem respectivamente de *Flandres* (holl. *Vlaanderen*, all. *Flandern* e de *Frederico* (got. *Fripareiks*, all. *Friedrich* ou *Friedrich*); o gallêgo *Xilgorio* vem de *Gregorio*. É ainda pelo mesmo motivo que em português se diz *ministro*, *vezinho*, *devino*, por *ministro*, *vizinho*, *divino*. — Não posso desenvolver aqui este assunto, tanto mais que já me tenho occupado d'elle em trabalhos especiaes.

Do mesmo modo:

𐌆 𐌒 𐌚 𐌛 𐌥 𐌱 𐌆 𐌒
i l(e) t r c e s c e n

Isto é: *iletrcescen*, o que dá com a equivalencia entre *g* e *c*, ambas gutturaes, e a substituição de *-sce* por *-te*, como no citado exemplo de *Indiget*, a forma *iletrgeten* = *iletrgete-n* ou *iletrget-en*, pois que *-n* ou *-en* é mera desinencia, e finalmente *Iletrgetes* = *Ile(t)rgete-s* ou *Ile(t)rget-es*, sendo *-s* ou *-es* tambem mera desinencia. Esta legenda vê-se numa moeda (quadrante) de que existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa; aqui dou o desenho d'ella (fig. 5.^a):



Fig. 5.^a — Ilergetes

Tal moeda, de que vi um exemplar semelhante no Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Paris em 1900, parece estar ainda inedita. A legenda é a das moedas dadas como dos Ilergetes, segundo se pôde ver em Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, n.º 31, e em Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne*, est. x, n.º 1 a 5; com o typo do reverso, meio-Pegaso a galope á direita, cfr. os das moedas de Ausa e outros em Heiss, *ob. cit.*, est. v, etc., e em Hübner, *ob. cit.*, n.º 18, etc.; detrás da nuca da figura do anverso da nossa moeda vêem-se tres pontos, indicação de tres onças = quadrante, como nas moedas romanas.

As moedas de Celsa dão mais um elemento para juntar aos que ficam expostos a respeito do processo scientifico de decifração do alphabeto iberico, sobre o qual tanto se tem escrito, e ás vezes com tanta phantasia. Neste exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa (fig. 6.^a):



Fig. 6.^a — Celsa

lê-se no reverso, debaixo do cavalleiro: $\langle \wedge \zeta \epsilon \rangle$, o que sem grande difficuldade se pôde interpretar por *celse*, pois a primeira letra é bem

semelhante ao *C*, a segunda é igual ao lambda ($\Lambda = L$), a terceira é semelhante ao *S*, e a quarta ao *E*. A palavra indigena *Celse* foi pelos romanos interpretada como *Celsa*, com a mudança de *-e* em *-a*, segundo os habitos da lingua latina, do mesmo modo que nós dizemos *Mancha* em vez do francês *Manche*. Esta interpretação, a que se chegou pela simplez comparação alphabetologica, é plenamente confirmada por outra moeda, de que tambem aqui se dá um desenho, segundo um exêmplar da nossa Bibliotheca Nacional (fig. 7.^a):



Fig. 7.^a—Celsa

Ahi se vê no reverso a mesma legenda indigena, e no anverso as letras *CEL*, abreviatura da palavra *Celsa*, e traducção da primeira legenda: logo, não pôde ser mais completa a demonstração.

Foi procedendo d'esta maneira, que pouco a pouco se decifraram no seu conjunto os alphabetos ibericos, taes como elles se acham expostos nos *Monumenta linguae Ibericae*, de Hübner, em que se reúnem, coordenam e criticam todas as investigações anteriormente feitas a tal proposito. Processo analogo se tem applicado á decifração de outros alphabetos antigos, de que só nos restam inscrições monetarias, lapidares ou semelhantes. A decifração dos alphabetos da Hispania constitue porém só meio caminho andado para a solução do problema iberico; pois falta ainda interpretar e classificar as linguas que lhes correspondem. São assuntos differentes, que muita gente se apraz erroneamente em confundir.

A proposito das moedas de Caesaraugusta ministraram-se algumas noticias sobre o estabelecimento das colonias entre os romanos, pois Augusto enviou para lá (*deduxit*) uma colonia de soldados das legiões IV, V e X, algarismos que se lêem nas moedas. Symbolos monetarios: bois jungidos, boi infulado ou mitrado, sacerdote com a charrua. Duumviros de Caesaraugusta. Como muitas outras vezes acontece, o nome romano *Caesaraugusta* = *Caesar Augusta* substituiu um nome indigena; este era *Salduba*, como se lê nos AA. grecò-romanos, correspondendo-lhe, ao que parece, nas moedas, em caracteres ibericos, *Saldwie*. O nome moderno é *Zaragoza*, que nós escrevemos incorre-

ctamente *Saragoça* em vez de *Çaragoça*, como d'antes se escrevia. *Zaragoza* não provém directamente, quanto a mim, de *Caesaraugusta*, pois *-sta* não daria em hespanhol *-za*; provém todavia de *Caesaraugustea* ou *Caesaraugustia*, fôrma em que *-stia*, isto é *-stja*, dava naturalmente em hespanhol *-za*.

Quando tratei das moedas de Clunia citei uma inscripção romana do castello de Porto-de-Mós, que vem imperfeitamente copiada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5238. Em Dezembro de 1897 estive em Porto-de-Mós, e offereceu-se-me occasião de examinar a pedra com todo o cuidado, apesar da difficuldade que tive nisso, pois ella está bastante alta, e foi-me preciso subir lá com uma escada. A inscripção, tal como a li e decalquei, diz:

C S V L P I C I O
 P I I L I O · C I I L T I F
 M I L I T I · C O R T I S
 L U S I T A N O R V M
 Q V I · O B I T C V L V N I
 A I I · I I I C V N A F

Isto é: *C. Sulpicio Pelio, Celti f(ilio), militi cortis Lusitanorum, qui obit Culuniae. Ei Cuna fecit*. Tenho idéa que Hübner, a quem enviei cópia da inscripção, discordava da interpretação que apresento da última parte (não encontro agora a carta d'elle, para verificar), mas creio não haver dúvida na leitura, pois *Cuna* é nome conhecido: vid. Holder, *Altcelt. Sprachschatz*, s. v.; pelo que toca á formula *ei fecit*, cfr. por exemplo *ei posuerunt parentes* no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3243, e *ei posuit*, ib., ib., 3244. Esta inscripção é importante sob varios aspectos: quanto ao latim, apresenta, alem de *cortis* = *cohortis* e *obit* = *obiit*, phenomenos nada raros, a fôrma *Culuniae*, locativo de *Culunia* = *Clunia*, onde se intercalou um *u* no grupo consonantico *cl*, como em latim em *Hercules* (cfr. vocativo *Heracle* e grego Ἡρακλῆς); quanto á historia, menciona-se ahi uma cohorte dos Lusitanos, de que *C. Sulpicius Pelius* era soldado; quanto á ethnologia, temos nella, ao lado do nome *Celti*, os nomes *Pelius* (que noutros documentos coexiste com *Pellius*) e *Cuna*, que parecem de origem celtica¹: sendo *Pelius* filho de uns *Celtus*, palavra que evidentemente contém em si um testemunho dos Celtas, e sendo em verdade *Cuna* parente ou das relações intimas de *Pelius*; não é realmente para estranhar tal origem.

¹ Vid. sobre elles Holder, *ob. cit.*, s. v.

No decorrer das lições deram-se varias outras noticias historicas, quando o assunto as pedia: por exemplo, sobre as contramarcas de Caesar Augusta e de Ergavica, sobre as variedades do alphabeto iberico. De modo geral, póde dizer-se que ha dois typos de alphabeto iberico: o da Provincia Ulterior, no qual as letras se lêem da direita para a esquerda, como na escritura semitica; e o da Provincia Citerior, no qual as letras se lêem da esquerda para a direita, por influencia grecoromana. Existem porém certas variedades importantes, como na região Asidonense. As inscrições do Sul de Portugal relacionam-se com as legendas das moedas de Salacia; umas e outras se lêem da direita para a esquerda. Estes factos estão de acordo com as palavras referidas por Estrabão na *Geographia*, III, 1, 6, segundo as quaes os Iberos não se serviam de uma só *γραμμικὴ*, expressão que significa antes «escritura» do que *litteratura*.

P. S. Em 22 de Março de 1899 tive de interromper as lições, pois fui para fóra do reino, em viagem de estudo, com auctorização do Governo. Ficou a substituir-me até o fim do anno lectivo o meu collega o Sr. Rebello Trindade, então conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

J. L. DE V.

Uma falsificação monetaria

Num pacote com decalques de moedas nacionaes e estrangeiras, que existe na secção de numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, acha-se uma delgada folha de estanho malleavel, em que foram impressas, por meio de compressão, as gravuras de um numisma estranho e inedito, que se representa na seguinte cópia:



Trata-se de uma moeda falsificada, para ser classificada na categoria d'aquellas moedas anteriores á IV dynastia dos reis de Portugal, cujos